



## **ANÁLISE DE CONTEÚDO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS**

*CONTENT ANALYSIS: THEORETICAL AND PRACTICAL ASSUMPTIONS*

*ANÁLISIS DE CONTENIDO: SUPUESTOS TEÓRICOS Y PRÁCTICOS*

**Heloisa Fernanda Francisco Batista, Guilherme Saramago de Oliveira, Clarice Carolina Ortiz de Camargo**

**Palavras-chave**  
Análise do  
Conteúdo.  
Pesquisas  
Qualitativas.  
Softwares na  
Pesquisa.

**Resumo:** Este artigo é decorrente dos resultados de uma pesquisa bibliográfica que buscou estudar a Análise de Conteúdo enquanto uma metodologia de investigação científica de natureza qualitativa. O texto apresenta as principais ideias relacionadas a essa perspectiva metodológica. Analisa e descreve conceitos, definições, critérios de organização e a importância do uso das novas tecnologias para a coleta e tratamento dos dados.

**Keywords**  
Content  
Analysis.  
Qualitative  
Research.  
Software in  
Search.

**Abstract:** This paper is the result of the results of a bibliographical research that sought to study Content Analysis as a scientific research methodology of a qualitative nature. The text presents the main ideas related to this methodological perspective. Analyzes and describes concepts, definitions, organization criteria and the importance of using new technologies for data collection and processing.

**Palabras clave**  
Análisis de  
contenido.  
Investigación  
cualitativa.  
Software en  
búsqueda.

**Resumen:** Este artículo se debe a los resultados de una investigación bibliográfica que buscó estudiar el Análisis de Contenido como metodología de investigación científica cualitativa. El texto presenta las principales ideas relacionadas con esta perspectiva metodológica. Analiza y describe conceptos, definiciones, criterios de organización y la importancia del uso de las nuevas tecnologías para la recopilación y procesamiento de datos.

\* Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia

Recebido em: 21-02-2021

Aprovado em: 04-07-2021

Publicado em: 27-12-2021



## Introdução

A pesquisa científica é uma prática básica fundamental da ciência, que propicia mudanças e aprendizados na realidade, sendo, muitas vezes, entendida como ações que são desenvolvidas para que possam ser respondidas uma ou mais questões. No decorrer da pesquisa, podem surgir novos questionamentos à medida que os desdobramentos das ações são realizados. Os dados obtidos em uma pesquisa podem gerar frutos para a sociedade em diversas áreas do conhecimento (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2013).

Para que uma pesquisa seja realizada, é necessário que se tenha uma pergunta norteadora a respeito do que se deseja estudar, sendo importante que se busque a teoria e método que irão fundamentar essa pesquisa. As indagações surgem nos contextos atuais, que dão origem às instigações e intenções. E, para que se inicie uma discussão pautada em critérios científicos, é necessário que se tenha, dentre outros aspectos, clareza, precisão, conhecimento de conceitos, teorias e metodologias (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2013).

Uma pesquisa pode ser realizada a partir de uma abordagem qualitativa, considerando-se a existência de uma junção, inseparável, entre o domínio real e o sujeito. Esse tipo de pesquisa trabalha com a interpretação de fenômenos e concessão de significados, sem exigir a utilização de métodos e técnicas estatísticas, predominando o caráter descritivo, em que o pesquisador é tido como instrumento-chave, revelando uma tendência indutiva na etapa de análise de dados, sendo o processo e o significado as essências dessa perspectiva (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A pesquisa qualitativa, de acordo com as ideias expressas por Oliveira, Miranda e Saad (2020), não tem o objetivo de estabelecer medidas numéricas, de realizar análises estatísticas dos dados coletados. Na pesquisa qualitativa busca-se, dentre outros, realizar uma interpretação contextualizada e pormenorizada do fenômeno estudado.

Triviños (1987) aponta para a extrema necessidade de se realizar registros mais elaborados e maior riqueza de detalhes, devido aos níveis de interpretação que podem ser exigidos e pelo destaque que pesquisador e sujeito apresentam na pesquisa. Dessa forma, a realização de uma pesquisa qualitativa exige que o pesquisador tenha discernimento e equilíbrio, sendo de elevada importância o conhecimento do sujeito da pesquisa.

Existem modalidades distintas de pesquisa qualitativa que podem ser desenvolvidas, cada uma com suas especificidades e ferramentas, dentre elas, pode-se citar Estudo de Caso,

Etnografia, Fenomenologia, História Oral, Grupo Focal, Análise do Discurso e Análise de Conteúdo. Neste artigo, será apresentada uma visão geral sobre a pesquisa qualitativa sob a perspectiva da Análise de Conteúdo, a partir das concepções e ideias apresentadas por Bardin (2016), Franco (2008), Rodrigues (2019), dentre outros autores. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros e artigos de pesquisadores que estudam esse tipo de pesquisa.

### **A Pesquisa Qualitativa**

Com origem na antropologia, a pesquisa qualitativa surgiu de forma naturalística, ficou conhecida como investigação etnográfica e começou a ser empregada nos anos 1970, na América Latina (LARA; MOLINA, 2011). Nesse período, os padrões teóricos que orientaram a pesquisa qualitativa eram pautados em três perspectivas: estrutural funcionalista, fenomenológica e histórico-estrutural. Devido à dificuldade em definir o que vem a ser uma pesquisa qualitativa, abordando as três perspectivas, é necessário levar em consideração o referencial teórico utilizado pelo pesquisador em sua pesquisa (TRIVIÑOS, 1987).

Segundo Ana e Lemos (2018), no domínio educacional, a pesquisa científica qualitativa aborda principalmente a perspectiva histórico-cultural, sendo o materialismo histórico-dialético utilizado como método mais adequado para a disseminação de conhecimento social. A utilização de análises qualitativas nesse contexto tem origem na busca por meios que propiciem mudanças da realidade no âmbito relativo ao conhecimento histórico-social.

Para Minayo (2009), as pesquisas desenvolvidas nas ciências sociais apresentam diversos significados, intensões, pretensões, valores e procedimentos quem nem sempre são compreendidos qualitativamente, ou seja, a partir de valores estatísticos ou equações. Porém, ressalta-se que, na pesquisa qualitativa, não há eliminação dos dados quantitativos, que complementam os qualitativos e vice-versa. Nesse sentido, o campo científico apresenta diversos conflitos e contradições, por exemplo, entre as ciências da natureza e as ciências sociais.

As ciências da natureza são ícones na ideia de cientificidade, sendo entendidas como modelos e normas a serem seguidos, independente do contexto histórico ou social em que a pesquisa é aplicada. Nas Ciências Sociais, os critérios de orientações são desenvolvidos em um nível maior de detalhamento, sendo o aspecto histórico seu principal objeto de estudo, cujas principais características são a consciência histórica, o dinamismo e a identidade entre o

sujeito e o objeto. Nesse sentido, as ciências sociais não são neutras, uma vez que são influenciadas por diferentes interesses e visões de mundo (MINAYO, 2009).

Creswell (2007) aponta que o principal objetivo de uma pesquisa qualitativa é interpretar o contexto no qual o fenômeno estudado está inserido, tomando por base a relação previamente estabelecida entre o sujeito e o fenômeno estudado. Nesse sentido, as pesquisas qualitativas são aplicadas em situações em que se faz necessário realizar o estudo de um fenômeno que envolve a participação e/ou interação de grupos ou indivíduos.

Segundo Bogdan e Biklen, a pesquisa qualitativa apresenta cinco características fundamentais: (a) Relação direta entre o pesquisador e o fenômeno investigado; (b) Dados principalmente descritivos, com o maior número de detalhes possível; (c) Maior ênfase no progresso da investigação do que no resultado; (d) Maior foco em descrever o ponto de vista do participante; (e) O procedimento de análise dos dados tende a ser mais intuitivo (*apud* LÜDKE; ANDRÉ, 2015).

### **Procedimentos metodológicos**

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, contemplando as principais obras de pesquisadores que se dedicam a estudar a Análise de Conteúdo. Segundo Martins e Theóphilo (2016), a pesquisa bibliográfica é uma estratégia utilizada na realização de pesquisas científicas, buscando explicar e discutir determinado tema, tendo como embasamento as referências disponíveis em revistas, jornais, livros etc.

Para Gil (2017), a pesquisa bibliográfica faz parte da etapa inicial das pesquisas acadêmicas e, no desenvolvimento da maioria das dissertações e teses, possibilita o desenvolvimento da fundamentação teórica, com base em estudos já realizados a respeito do tema na literatura. Nesse sentido, esse tipo de pesquisa possibilita uma compreensão mais abrangente da temática estudada, permitindo, por exemplo, a construção de um contexto histórico que permite identificar elementos que auxiliam no processo investigativo.

Nessa perspectiva, a pesquisa bibliográfica torna evidente a escolha do material textual que auxiliará no desenvolvimento da temática proposta, estabelecendo um diálogo mais reflexivo entre o objeto de estudo e as teorias que os sustentam. Além disso, proporciona ao pesquisador maior familiaridade com respeito ao objeto de pesquisa.

### **Apontamentos sobre a Análise de Conteúdo**

A Análise de Conteúdo foi utilizada como ferramenta para a realização de análises interpretativas desde 1787, nos Estados Unidos. Também foi empregada na análise de imprensa e propagandas, a partir da expansão das Ciências Sociais, no início do século XX (OLIVEIRA *et al.*, 2003). Somente em 1977, a partir da obra “*Analyse de Contenu*”, de Bardin, a Análise de Conteúdo foi definida e delineada de uma forma mais completa, sendo compreendida como uma técnica de análise das comunicações (PALMEIRA; CORDEIRO; PRADO, 2020).

No decorrer do seu processo evolutivo, houve alternância entre o rigor da objetividade dos números e a produtividade que sofreu diversos questionamentos da subjetividade. As abordagens qualitativas foram ganhando mais prestígio no decorrer dos anos, passando a utilizar a indução e a intuição como procedimentos que proporcionam uma compreensão mais ampla dos fenômenos estudados (MORAES, 1999).

Inicialmente, a Análise de Conteúdo foi utilizada em investigações de opiniões cujos procedimentos de coleta de dados seguiam uma tendência mais objetiva e sofisticada. Vale ressaltar que a Análise de Conteúdo comumente foi empregada em pesquisas cujos dados eram obtidos sem a participação do pesquisador, doravante chamado de analista, segundo nomenclatura adotada por Bardin (2016), sendo utilizados jornais, documentos e livros como fontes de dados, aproximando-se de uma análise documental (FRANCO, 2008).

A Análise de Conteúdo ganhou destaque em várias áreas, como linguística e psicologia, revelando-se uma ferramenta de grande utilidade, proporcionando abrangência em outras áreas do conhecimento (BARDIN, 2016). Franco (2008) aponta que a Análise de Conteúdo e a linguística apresentam a linguagem como objeto de estudo em comum. A obra de Bardin teve grande repercussão no país, tornando-se uma obra de referência, sendo empregada em diversas pesquisas, além de levantar diversas indagações e debates entre pesquisadores. Durante seu desenvolvimento, houve períodos de receptividade e recusas, ocasionando diversos debates que contribuíram para o aprimoramento dessa técnica (TRIVIÑOS, 1987).

Essa técnica foi popularizada por Laurence Bardin e, segundo a autora, é caracterizada por um “[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis, em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (BARDIN, 2016, p.15). A Análise de Conteúdo tem sido aplicada em

diferentes contextos para a realização de inferências provenientes de quaisquer tipos de comunicação (FRANCO, 2008).

Houve inúmeras discussões a respeito da utilização da Análise de Conteúdo em pesquisas quantitativas e qualitativas. Inicialmente, o marcador que caracterizava a utilização desse tipo de análise era frequência e ocorrência dos dados, tratadas a partir da quantificação. Posteriormente, a Análise de Conteúdo foi caracterizada a partir da produção de inferências, que podem ser baseadas ou não, em parâmetros quantitativos (BARDIN, 2016).

### **Conceituando a Análise de Conteúdo**

Existem diferentes conceitos para Análise de Conteúdo, que apresentam características semelhantes, mesmo que definidos com aspectos divergentes. Nesse sentido, é importante, durante a realização de uma pesquisa, que o pesquisador tenha em mente a perspectiva que será adota para, dessa forma, melhor conduzir as etapas a serem desenvolvidas.

Por volta dos anos de 1940, a Análise de Conteúdo foi utilizada em pesquisas quantitativas, tendo Berelson como principal pesquisador, que a descreveu como uma técnica de pesquisa baseada no modelo cartesiano de pesquisa sendo definida como “[...] uma técnica de pesquisa que visa uma descrição do conteúdo manifesto de comunicação de maneira objetiva, sistemática e quantitativa” (CAMPOS, 2004, p. 612). Nesse sentido, essa técnica era comumente utilizada em pesquisas quantitativas e tinha como objetivo identificar, por meio de métodos estatísticos, os conteúdos que foram manifestos, atribuindo maior peso para as incidências, ocorrências e frequências.

Em 1977, Bardin sistematizou a Análise de Conteúdo, enfatizando que Berelson foi um dos pioneiros no desenvolvimento do tema e que seus trabalhos foram essenciais para a produção de conhecimento, entendendo que sua aplicabilidade deveria ser ampliada e apresentou sua utilização na perspectiva qualitativa. Para Bardin (2016), a Análise de Conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48).

Essa definição é considerada a mais completa, por agregar aspectos aos estudos apresentados por Berelson. Bardin (2016) aponta ainda que a Análise de Conteúdo é utilizada

na produção de inferências, permitindo que o analista possa realizar interpretações a partir da identificação objetiva e sistemática de aspectos presentes nas mensagens. Essa técnica introduz explicitações, sistematizações e expressões dos conteúdos de mensagens, buscando realizar deduções lógicas e justificadas sobre a origem dessas mensagens. A autora ressalta que, atualmente, a Análise de Conteúdo é vista como:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a “discursos” (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência (BARDIN, 2016, p. 15).

Outros autores publicaram trabalhos voltados para a conceituação da Análise de Conteúdo. Moraes (1999) aponta a necessidade de realizar reinterpretações e desmembramentos das mensagens para que se possa compreender suas essências, para posteriormente realizar agrupamentos das confluências e divergências que irão propiciar a elaboração das categorias de análise. Dessa forma, será possível produzir as inferências. Nesse sentido, a Análise de Conteúdo é entendida como: “Uma técnica de investigação que conduz a descrições sistemáticas, pois ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum” (MORAES, 1999, p. 9).

Franco (2008, p. 20) entende a Análise de Conteúdo como “[...] um procedimento de pesquisa que se situa em um delineamento mais amplo da teoria da comunicação e tem como ponto de partida a mensagem” e:

Permite ao pesquisador fazer inferências sobre qualquer um dos elementos da comunicação: (i) as características do texto; (ii) as causas e/ou antecedentes das mensagens; (iii) e os efeitos da comunicação (FRANCO, 2008, p. 20).

Para Mendes e Miskulin (2017), a Análise de Conteúdo é uma metodologia de análise de dados, utilizada em pesquisas educacionais do tipo qualitativa, sendo a metodologia uma parte fundamental da pesquisa acadêmica, e o rigor metodológico possibilita determinar a qualidade desta pesquisa.

Rodrigues (2019) apresenta a Análise de Conteúdo como um procedimento que possibilita que o analista saia do senso comum, a partir de um respaldo teórico, dessa forma:



A Análise de Conteúdo como procedimento de análise interpretativa dos dados em pesquisas qualitativas procura ir além da descrição das mensagens, pois é preciso atingir uma compreensão mais aprofundada do conteúdo dessas mensagens, por meio da interpretação. Existem duas possibilidades de interpretação, aquela realizada a partir de um aporte teórico constituído, ou através de uma teoria que emerge a partir dos próprios dados. Seja qual for o modo, a interpretação é um momento crucial da Análise de Conteúdo (RODRIGUES, 2019, p. 12).

### **Crítérios de organização na Análise de Conteúdo**

Com relação à Análise de Conteúdo, diferentes terminologias são utilizadas pelos autores em relação aos critérios de organização dos procedimentos de análise, porém, pode-se identificar algumas semelhanças em suas descrições (TRIVIÑOS, 1987). Neste trabalho, foram priorizadas as terminologias empregadas por Bardin (2016), que apresentam grande destaque na literatura. Para a autora, a Análise de Conteúdo apresenta três fases: (a) pré-análise; (b) exploração do material; (c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Na primeira fase, deve-se realizar a leitura “flutuante”, para elaborar os objetivos e hipóteses, e a sistematização dos conteúdos das mensagens, com o intuito de selecionar documentos e estruturar marcadores que irão embasar a análise final. As hipóteses são justificativas antecipadas sobre o fenômeno que está sendo observado, podendo ser validadas ou rejeitadas ao final. Portanto, para que os conteúdos sejam sistematizados de forma eficiente, faz-se extremamente necessário conhecer profundamente os documentos, selecionando-os de acordo com suas particularidades, orientar a análise de acordo com as hipóteses elaboradas, estruturar os marcadores considerando as unidades de análise e ordenar o material.

Bardin (2016) aponta que, para a realização da pré-análise, é necessário que o material seja organizado para formar o *corpus* da pesquisa. Assim, devem ser selecionados documentos, formuladas hipóteses e construídos indicadores que irão auxiliar na interpretação e realização de inferências. Para isso, faz-se necessário a observação de algumas regras importantes:

- (a) Regra da exaustividade: busque consumir todo o assunto, não deixando nenhum elemento suprimido.
- (b) Regra da representatividade: selecione uma amostra que caracterize o universo inicial.
- (c) Regra da homogeneidade: realize a coleta de dados utilizando as mesmas técnicas com sujeitos semelhantes.
- (d) Regra da pertinência: selecione documentos adequados aos objetivos almejados pela pesquisa.



- (e) Regra da exclusividade: atribua cada elemento utilizado na pesquisa a uma categoria apenas.

A segunda etapa consiste em atribuir códigos, realizar desmembramentos ou enumerações, através de unidades selecionadas, amostras relacionadas e categorias definidas. Ocorrem, ao final da exploração do material, as codificações dos dados, com a catalogação em unidades de registro. Cada unidade de registro pode ser uma palavra, um tema, um acontecimento ou um personagem (BARDIN, 2016).

A codificação ou categorização é tida como “[...] um processo de redução dos dados pesquisados, pois as Categorias de Análise representam o resultado de um esforço de síntese de uma comunicação, destacando-se, nesse processo, seus aspectos” (RODRIGUES, 2019, p. 30). Rodrigues (2019) aponta ainda que as categorias *a priori*, são organizadas de acordo com a temática e dão origem a categorias *a posteriori*, que são organizadas de acordo com a ocorrência dos temas e originam categorias finais. A categorização permite que o analista faça um estudo mais aprofundado das categorias, que estarão relacionadas aos objetivos.

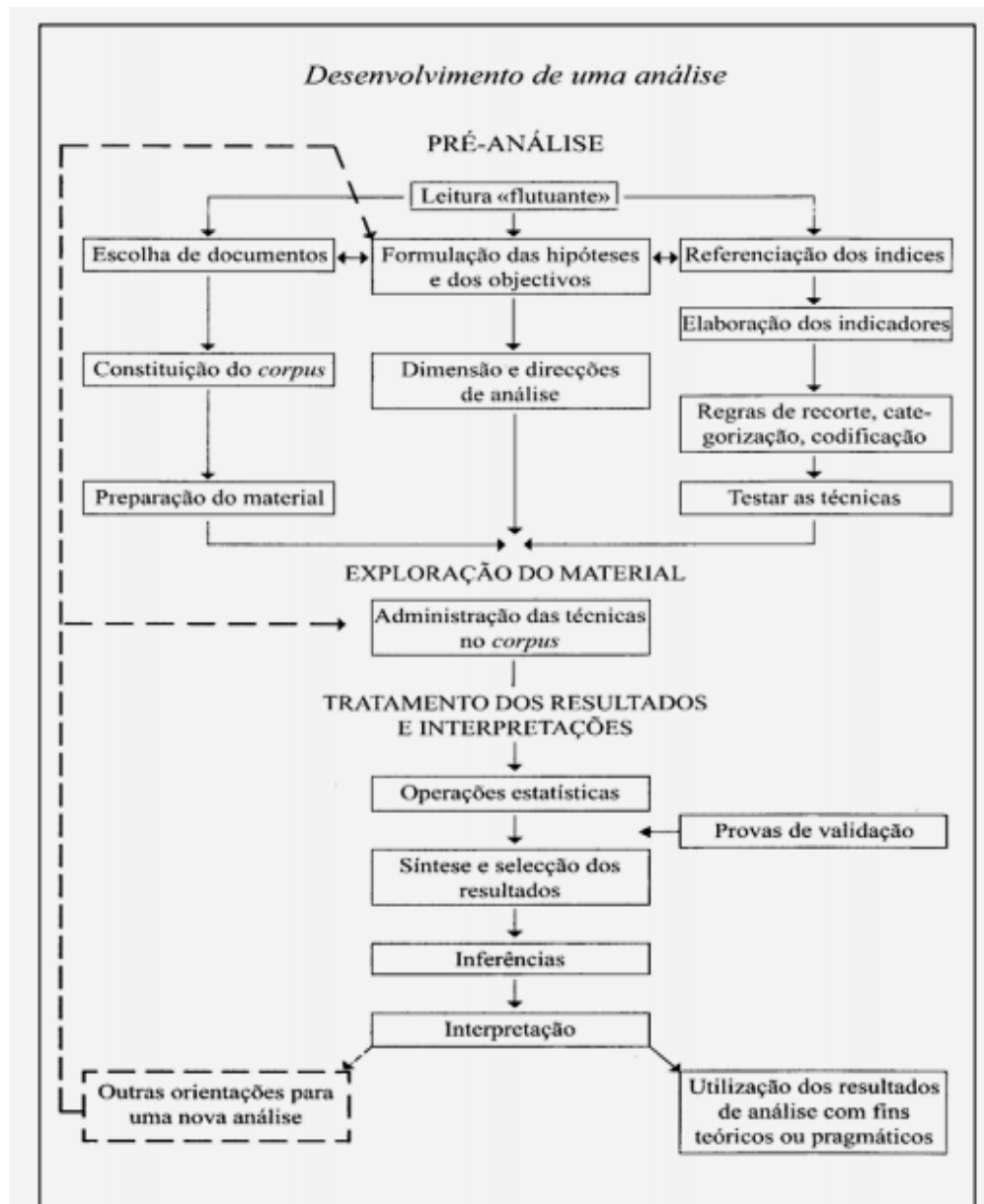
As categorias *a priori* podem ser definidas pelo analista a partir de seus objetivos e do referencial teórico, enquanto as categorias *a posteriori* resultam da classificação gradual dos elementos, podendo surgir de palavras ou frases, emergido no contexto das respostas apresentadas pelos sujeitos da pesquisa. Nas categorias *a priori* existe a tendência de segmentação e simplificação do conteúdo, já nas categorias *a posteriori* é exigido que o analista tenha maior domínio do conhecimento teórico (RODRIGUES, 2019).

As categorias são formadas a partir de unidades de contexto, que são excertos que se apresentam nos conteúdos das mensagens presentes em documentos, e do reconhecimento das unidades de registro, que representam o segmento de conteúdo que deve ser tido como unidade base, objetivando a categorização e o cômputo da frequência (RODRIGUES, 2019).

A terceira fase consiste em realizar operações com a finalidade de organizar os resultados, revelando a essência da análise. Nesse sentido, o analista deve partir dos pressupostos iniciais para realizar inferências e interpretações, ao passo que a pesquisa se desdobra e possibilita o surgimento de descobertas inesperadas (BARDIN, 2016). Nessa fase, o analista não deve se ater somente ao conteúdo apresentado nos documentos selecionados, devendo aprofundar sua análise de forma a buscar elucidação dos conteúdos latentes presentes nas mensagens (TRIVIÑOS, 1987).

Os critérios e etapas de organização da Análise de Conteúdo são apresentados na figura a seguir:

**Figura 1** - Desenvolvimento de uma análise.



Fonte: Bardin (2016, p. 102).

A Análise de Conteúdo vai além da simples descrição de mensagens, pois é necessário que se busque compreender de forma mais profunda o conteúdo presente nelas, através da interpretação que pode ser feita a partir de um referencial teórico ou por uma teoria que se destacou a partir da análise de dados. Este é o momento que os resultados são validados e seus significados são elucidados (RODRIGUES, 2019). É necessário que se diferencie os termos sentido e significado em Análise de Conteúdo. O que o depoente respondeu na pesquisa é o que fazia sentido para ele, enquanto o significado é coletivo e precisa ter materialidade que é criada por meio do aporte teórico (FRANCO, 2005).

## Utilização de softwares em Análise de Conteúdo

Vários *softwares* podem ser utilizados no desenvolvimento de pesquisas qualitativas, chamados de *Qualitative Data Analysis Softwares* (QDAS), caracterizados como programas computacionais elaborados para ajudar no gerenciamento e na análise dos dados. Essas ferramentas propiciam aos pesquisadores a realização de adições, organizações, codificações e gerenciamento de dados diversos, como textos e vídeos (GIBBS, 2011; YIN, 2016). Nos últimos anos, houve um aumento significativo na utilização de QDAS em Análise de Conteúdo, destacando-se o ATLAS.ti<sup>®</sup> e o NVivo<sup>®</sup> (SOUZA NETO *et al.*, 2019).

A utilização desses recursos para a realização da análise de dados ocasiona diversos questionamentos entre estudiosos. Alguns apoiam a utilização desse tipo de recurso, pois acreditam que sejam bons indicadores que validam e atestam confiabilidade aos resultados (ANG; EMBI; YUNUS, 2016; WOODS; MACKIN; LEWIS; 2016). Outros apontam que esses recursos apresentam pontos negativos referentes à qualidade, pois proporciona certo distanciamento do analista com relação aos dados e reduz as reflexões com relação aos conteúdos (MACMILLAN; KOENING 2004).

Souza Neto *et al.* (2019) apontam que, independente da opinião a respeito da utilização desses recursos, tais estudiosos concordam que se faz necessário a presença do analista, que deve ter conhecimentos prévios para possibilitar a atribuição de significados aos dados. Na tabela abaixo, Souza Neto *et al.* (2019), com base em outras referências, apresentam os efeitos da utilização desses softwares nas estratégias utilizadas.

**Tabela 1** - Efeitos dos QDAS nas estratégias de qualidade.

Tipo de efeito	Descrição do efeito	Estratégia afetada
<b>Negativo</b>	Limita a criatividade dos pesquisadores ao restringir o processo de análise em torno das ferramentas permitidas	Coerência do pesquisador
	Distancia os pesquisadores dos dados ao apresentar os dados (listas de citações, códigos e fragmentos de textos) fora de seus contextos.	Coerência do pesquisador
	Prejudica a reflexividade ao mecanizar o processo de análise e promover a ideia de que esse processo é linear e rápido.	Coerência do pesquisador
<b>Positivo</b>	Estimula a reflexividade ao disponibilizar ferramentas que permitem registrar reflexões entre os dados e realizar experimentos com os dados.	Coerência do pesquisador

Estimula a criatividade ao gerenciar as tarefas mecânicas da análise e liberar tempo para o pensar criativamente.	Coerência do pesquisador
Facilita a identificação da saturação teórica e de casos desviantes ao disponibilizar ferramentas de comparação dos dados e de representação gráfica	Construção do <i>corpus</i> da pesquisa.
Melhora a transparência do processo de pesquisa ao registrar automaticamente o histórico das atividades realizadas pelo pesquisador (trilhas de auditoria).	Descrição detalhada da investigação.
Facilita o compartilhamento de informações com terceiros ao produzir relatórios automáticos dos resultados da pesquisa.	Validação dos respondentes.
Melhora o trabalho em equipe ao possibilitar o compartilhamento on-line do banco de dados e da análise entre os pesquisadores.	Validação dos pesquisadores.
Permite analisar diferentes tipos de dados (documentos, imagens, vídeos, transcrições de entrevistas e outros), que não poderiam ser analisados sem o seu uso.	Triangulação.

Fonte: Souza Neto *et al.* (2019, p. 379).

Apesar de serem apresentados mais pontos positivos na Tabela 1, com relação à utilização de *softwares* para análise de dados, o analista deve ter em mente os objetivos da pesquisa e se atentar à manipulação correta dos instrumentos de análise (OLIVEIRA *et al.*, 2016). Vale ainda ressaltar que, mesmo que poupe tempo, a utilização desses *softwares* pode “nublar o olhar” direcionado do analista aos pormenores que a análise manual possibilita.

### Considerações finais

Esse artigo apresentou os elementos da Análise de Conteúdo, tendo como ponto de partida a abordagem qualitativa em pesquisas e uma breve apresentação histórica. No decorrer do texto foi apresentada a conceituação da Análise de Conteúdo a partir dos estudos realizados por diversos autores, como Bardin (2016), Franco (2008), Mendes e Miskulin (2017), Rodrigues (2019) e Moraes (1999).

A Análise de Conteúdo oportuniza a riqueza de detalhes, possibilitando que sejam explicitados sentidos que nem sempre são visíveis, permitindo a compreensão de dados tanto na perspectiva qualitativa quanto na quantitativa. A utilização de diferentes enfoques possibilita que se realize uma síntese de forma mais aprofundada do que expressada inicialmente.

Dessa forma, a Análise de Conteúdo pode ser empregada em pesquisas qualitativas, de acordo com a perspectiva teórica que está sendo empregada, associada à utilização de diferentes técnicas de coleta de dados, possibilitando a realização de inferências (MENDES, 2018).

Vale ressaltar que a Análise de Conteúdo, na qualidade de conjunto de técnicas de análise das comunicações, teve diversas modificações a partir do conceito apresentado por Berelson, no início dos anos 1940, até os dias atuais, podendo ainda ser utilizados *softwares* que auxiliem na organização e codificação do material.

## REFERÊNCIAS

ANA, W. P. S.; LEMOS, G. C. METODOLOGIA CIENTÍFICA: a pesquisa qualitativa nas visões de Lüdke e André. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 4, n. 12, p. 531-541, 2018.

ANG, C. K.; EMBI, M. A.; YUNUS, M. M. Enhancing the quality of the findings of a longitudinal case study: Reviewing trustworthiness via ATLAS. **ti. The Qualitative Report**, v. 21, n. 10, p. 1855-1867, 2016.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2016.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre, RS: ARTMED, 2007.

DESLANDES; S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Orgs.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2008.

FREITAS, H. M. R.; CUNHA JUNIOR, M. V. M.; MOSCAROLA, J. Aplicação de sistema de software para auxílio na análise de conteúdo. **Revista de Administração da USP**, v. 3, n. 32, p. 97-109, 1997.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos** (Coleção pesquisa qualitativa). Porto Alegre, RS: Editora Bookman, 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, SP: Atlas, 2017.

LARA, Â. M. B.; MOLINA, A. A. Pesquisa Qualitativa: apontamentos, conceitos e tipologias. In: TOLEDO, C. A. A.; GONZAGA, M. T. C. (Orgs.). **Metodologia e Técnicas**

de Pesquisa nas Áreas de Ciências Humanas, v. 01. Maringá, PR: EEduem, 2011. p. 121-172.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro, RJ: E.P.U., 2015.

MACMILLAN, K.; KOENIG, T. The wow factor: preconceptions and expectations for data analysis software in qualitative research. **Social Science Computer Review**, v. 22, n.2, p. 179-186, 2004.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo, SP: Atlas, 2016.

MENDES, D. C. B. Considerações elementares da metodologia de análise de conteúdo em pesquisa qualitativa no âmbito das ciências sociais. **Fac. Sant'Ana em Revista**, v. 3, n. 1, p. 4-15, 2018.

MENDES, R. M.; MISKULIN, R. G. S. A análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, p. 1044-1066, 2017.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

OLIVEIRA, E. *et al.* Análise de Conteúdo e pesquisa na área da Educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 4, n.9, p.11-27, 2003.

OLIVEIRA, M. *et al.* Análise de conteúdo temática: Há uma diferença na utilização e nas vantagens oferecidas pelos softwares MAXQDA<sup>®</sup> e NVivo<sup>®</sup>? **Revista de Administração da UFSM**, v. 9, n. 1, p. 72-82, 2016.

OLIVEIRA, G. S.; MIRANDA, M. I.; CORDEIRO, E. M.; SAAD, N. S. Metassíntese: uma modalidade de pesquisa qualitativa. In: **Cadernos da Fucamp**, UNIFUCAMP, v.19, n.42, p.145-156, Monte Carmelo, MG, 2020.

PALMEIRA, L. L. L.; CORDEIRO, C. P. B. S.; PRADO, E. C. A análise de conteúdo e sua importância como instrumento de interpretação dos dados qualitativos nas pesquisas educacionais. **Cadernos de Pós-Graduação**, v. 19, n. 1, p. 14-31, 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RODRIGUES, M. U. (Org.). **Análise de Conteúdo em pesquisas qualitativas na área da Educação Matemática**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2019.

SOUZA NETO, R. A. *et al.* Efeitos dos Softwares de Análise de Dados Qualitativos na Qualidade de Pesquisas. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 23, n. 5, p. 373-394, 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

WOODS, M.; MACKLIN, R.; LEWIS, G. K. Researcher reflexivity: exploring the impacts of CAQDAS use. **International Journal of Social Research Methodology**, v. 19, n. 4, p. 385-403, 2016.

YIN, R. K. **Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim** (Métodos de Pesquisa). Porto Alegre, RS: Editora Penso, 2016.



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)